

A Europa, os EUA e o Islão

PAULO GAIÃO

(Semanário/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

A Europa tem hoje tanto medo de perder a amizade dos EUA como de ser odiada pelo Islão, o que a deixa duplamente paralisada: ao não se autonomizar dos EUA, sofre represálias do Islão e ao se vergar ao Islão, afunda-se mais nas mãos dos EUA. Duas guerras no século XX deixaram a Europa com o trauma do confronto. A guerra é sempre uma barbárie. Mas viver no medo de entrar em confronto ou, simplesmente, não ter a protecção dos EUA, não é solução.

Só uma Europa traumatizada não reagiu à confissão de George W. Bush de que se tinha enganado nas premissas com que invadiu o Iraque. Com uma Europa forte e descomprometida, sem fazer concessões à hipocrisia e ao relativismo, o facto de não existirem armas químicas no Iraque tinha de ter uma resposta firme contra Washington.

Por sua vez, com uma Europa independente dos EUA e com uma política própria para o Médio Oriente, o caso de há quase dois anos, a propósito das caricaturas de Maomé, não teria, certamente, assumido as proporções que assumiu. O Islão pode, aliás, ter projectado na crise das caricaturas o descontentamento mais profundo contra a política europeia de subserviência aos EUA.

Esta Europa que está refém dos americanos, também se deixa manietar pelo Islão. No caso das caricaturas, com a mesma hipocrisia e relativismo, muitos governos da Europa, entre os quais o português, defenderam que o excesso original esteve na publicação das caricaturas, desvalorizando a liberdade de expressão, não só de imprensa como artística. Ora, quanto mais os islamistas virem a Europa

PAULO GAIÃO

fraca, até sacrificando princípios basilares das suas sociedades para não ferirem as sensibilidades, mais esticará a corda contra ela.

Ao afagar o orgulho do Islão na crise das caricaturas, a Europa deu novas armas às forças obscurantistas e à teocracia. Que hoje recuperam o seu poder, também na Turquia, que se arrisca a ficar cada vez mais longe da União Europeia. O Islão saiu da batalha das caricaturas com a convicção de que a razão estava do seu lado e que o seu legado, alicerçado na teocracia ou num relacionamento dúbio entre o Estado e a religião, é superior ao europeu. Quando hoje o Islão se ofende com as caricaturas de Maomé, é preciso não esquecer que a Europa também podia iniciar uma "cruzada" em defesa da dignidade humana em muitos países muçulmanos, contra o direito que se aplica nestes países, designadamente em matéria de direitos das mulheres e muitos direitos individuais. Não o faz por complacência e tolerância e por respeito pelos valores dos outros. Mas o respeito pelo "outro" e pelas suas diferenças, não pode implicar que "o outro" nos imponha os seus modelos e que interfira nos nossos valores.

A Europa não tem culpa de ter tido um Sócrates, um Platão, um Erasmo, um Espinoza, um Locke, um Descartes, um Voltaire, um Newton... Como não tem culpa de os pensadores árabes como Averróis terem visto o seu legado destruído pelos primeiros fundamentalistas religiosos...